

NUTRIÇÃO
MUNDIAL

RELATÓRIO

SINOPSE

AÇÕES & RESPONSABILIDADES PARA O AVANÇO DA NUTRIÇÃO & DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

À MEDIDA QUE AVANÇAMOS PARA A ERA PÓS-2015 DOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (SDGS), O MUNDO ENFRENTA INÚMEROS PROBLEMAS APARENTEMENTE IRREMEDIÁVEIS. A desnutrição não deve ser um deles. Os países que estiverem determinados a realizar rápidos avanços na redução da desnutrição podem conseguir fazê-los, e os incentivos para a melhoria da nutrição são fortes. A boa nutrição proporciona uma base vital para o desenvolvimento humano, central para alcançarmos nosso pleno potencial. Quando o nível de nutrição melhora, obtém-se uma miríade de resultados positivos para os indivíduos e suas famílias. Muito mais crianças viverão para ver seus aniversários de cinco anos, seu crescimento será menos prejudicado, e elas terão ganhos em peso e altura. Elas aprenderão mais nas escolas porque sua atividade cerebral não estará debilitada. Como resultado deste ambiente positivo na primeira infância, quando adultos elas terão melhores trabalhos e ficarão doentes com menor frequência. Os adultos mais idosos envelhecerão com mais saúde, e viverão mais.

NO
O
L
G



Associated Press

O bom senso nos mostra que, quando estas experiências de escala individual se somam, as comunidades e os países são beneficiados. No geral, as evidências só crescem: a boa nutrição é um motor essencial do desenvolvimento sustentável (Figura 1).

O oposto da boa nutrição — a “má” nutrição — se apresenta de diversas formas: crianças e adultos que são pouco mais que pele e osso, crianças tão atrofiadas que aparentam três anos de idade quando na verdade têm seis, pessoas que não podem combater infecções porque faltam nutrientes em sua alimentação, e pessoas mais propensas a sofrerem AVCs porque são obesas ou cujas veias e artérias entram em colapso porque têm diabetes.

Estas múltiplas formas de desnutrição têm causas comuns: alimentação de má qualidade, poucos cuidados com mães e filhos, acesso insuficiente a serviços de saúde e ambientes insalubres e sem higiene.

Apesar dos incentivos para superar a desnutrição, ela continua sendo um problema de dimensões assombrosas em todo o mundo. A desnutrição afeta todos os países. Quase uma em cada três pessoas no planeta apresenta desnutrição. Em todos os países, ela representa um fardo considerável ao desenvolvimento sustentável. Os esforços para combatê-la vêm ganhando força e começam a apresentar resultados, mas reverter décadas de negligência não será fácil. Enquanto algumas formas de desnutrição, como a atraso no crescimento, têm apresentado reduções modestas, embora irregulares, outras formas, como a anemia em mulheres em idade fértil, estão estagnadas. E outras, como o sobrepeso e a obesidade, vêm crescendo.

Sabemos que o combate à desnutrição em toda sua complexidade exigirá uma variedade de ações. Primeiro, o ambiente político precisa tornar-se propenso à redução da desnutrição. A sociedade pode criar e manter o impulso para as mudanças ao responsabilizar governos e outros agentes pela dimensão e eficácia de suas ações. Segundo, a questão da nutrição não pode ser abordada isoladamente; as políticas e práticas dos vários setores

que podem afetar a nutrição de maneira positiva devem agir para isso. Os indivíduos que trabalham em setores desde educação e agricultura até mudanças climáticas precisam entender o que podem fazer para reduzir a desnutrição, e por que é de seu interesse fazê-lo. Por último, intervenções nutritivas de alto impacto e focadas devem alcançar aqueles que precisam delas; atualmente, a distância entre oferta e necessidade é enorme. Estas ações assumirão formas diferentes nos diferentes países. Mas, embora saibamos mais que nunca como combater a desnutrição, muito pouco desse conhecimento está sendo aplicado.

O Relatório da Nutrição Global (Global Nutrition Report, GNR) é elaborado por um Grupo de Especialistas Independentes, a pedido de um Grupo de Agentes Interessados, e representa o esforço coletivo de mais de 70 autores. É o único relatório abrangente sobre todas as formas de desnutrição em todos os países. O relatório de 2015 apresenta um foco mais equilibrado da desnutrição em todas as suas formas, além de um foco mais aprofundado das mudanças climáticas, sistemas alimentares e os papéis e responsabilidades de empresas, que o relatório de 2014.

O GNR visa ser um estímulo e um guia para ações futuras. Aqui, resumidamente, o relatório nos conta quanto progresso o mundo está fazendo na redução da desnutrição em todas as suas formas, o que os governos e seus parceiros precisam fazer para acelerar seus progressos e como a sociedade pode responsabilizar todas as partes envolvidas em seus esforços.

AVANÇOS NA REDUÇÃO DA DESNUTRIÇÃO

Existem dois conjuntos de metas globais para a nutrição, ambos ratificados pelos ministérios da saúde dos países durante a Assembleia Mundial de Saúde (World Health Assembly, WHA) em 2012-2013. O primeiro conjunto está relacionado à nutrição materna e infantil. Neste quesito, o mundo tem feito algum progresso, embora de maneira muito lenta e heterogênea. O segundo

A ESCALA DA DESNUTRIÇÃO

Embora não seja possível simplesmente somar os números das pessoas afetadas pelos diferentes tipos de desnutrição (porque uma mesma pessoa pode sofrer de mais de um tipo de desnutrição), a escala da desnutrição é alarmante:

- 2 bilhões de pessoas sofrem de desnutrição de micronutrientes;
- 1,9 bilhão de adultos apresentam sobrepeso ou obesidade;

- 161 milhões de crianças com menos de 5 anos são muito baixas para sua idade (atraso no crescimento), 51 milhões não têm o peso suficiente para sua altura (emaciação), e 42 milhões apresentam sobrepeso — nenhuma destas crianças está crescendo de maneira saudável;
- Estima-se que 794 milhões de pessoas apresentem deficiência de calorias; e
- 1 em cada 12 adultos no mundo apresenta diabetes tipo 2.

Em muitos países, somente uma minoria das crianças está crescendo de maneira saudável. Em Bangladesh, na República Democrática do Congo, na Etiópia, na Nigéria e no Paquistão, por exemplo, o percentual de crianças com menos de 5 anos que não sofre de atraso no crescimento ou emaciação varia entre 43% e 48%.

conjunto está associado ao sobrepeso e à diabetes entre adultos. Neste ponto, o mundo está falhando em alcançar a meta global do aumento da prevalência destas condições.

NUTRIÇÃO MATERNA E INFANTIL

A fim de medir o progresso dos países em relação à nutrição materna e infantil, foram acompanhados os dados de cinco das seis metas globais WHA: atraso no crescimento, emaciação e sobrepeso entre crianças com menos de 5 anos; anemia em mulheres com idade entre 15 e 49 anos; e taxas de exclusividade da amamentação entre recém-nascidos com menos de 6 meses de idade.

Quase todos os países (70 dos 74 para os quais existem dados) estão no caminho certo para cumprir pelo menos uma das cinco metas globais. Este desempenho abrangente é uma boa notícia. Todavia, apenas um país (Quênia) está rumo a atender todas as cinco metas de nutrição materna e infantil da WHA, e somente quatro (Colômbia, Gana, Vanuatu e Vietnã) estão na trilha de atenderem quatro metas (Tabela 1).

Meta por meta, o desempenho dos países varia de maneira tremenda (Figura 2). Apenas 3% dos países estão a caminho de atenderem a meta da anemia, enquanto 41% dos países (32 dentre 78) estão na trilha de alcançarem a meta da amamentação exclusiva. Para as três metas relativas a crianças com menos de 5 anos — atraso no crescimento, emaciação e sobrepeso — a parcela de países no caminho certo aumentou entre 2014 e 2015. O progresso quanto à atraso no crescimento é particularmente notável: a parcela de países em curso de atenderem a meta subiu de um quinto (22%) para um terço (34%). Foi feito grande progresso em países como Bangladesh, Camboja, Etiópia, Gana, Índia e Quênia, mas os avanços são heterogêneos ou poderiam ser mais rápidos, como demonstrado pelo sucesso no Brasil, China e Vietnã.

Como estes países fizeram isto? Não sabemos de forma definitiva, mas os denominadores comuns foram o forte comprometimento político; um contexto de apoio, com notável redução da pobreza; melhorias no empoderamento feminino; melhorias no fornecimento de alimentos; maior acesso a melhores instalações

FIGURA 1 Os benefícios econômicos da melhoria da nutrição: novas estimativas desde o GNR 2014

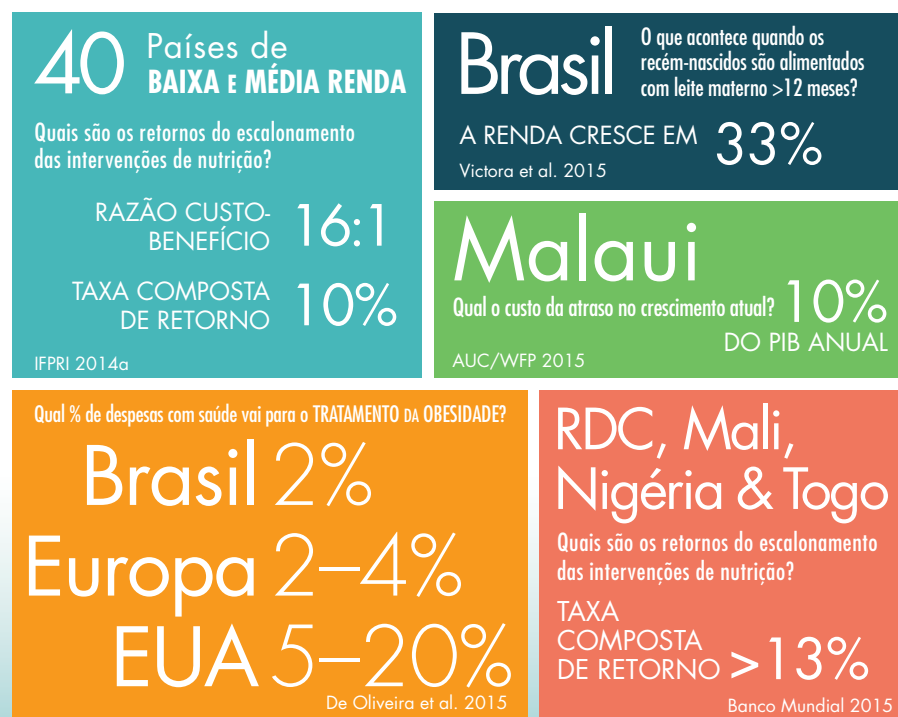


TABELA 1 Número de países em curso para atender as Metas Globais de Nutrição da WHA até 2025

Número de metas	Número de países em curso
5	1 Quênia
4	4 Colômbia, Gana, Vanuatu, Vietnã
3	12 Argélia, Benim, Bolívia, Burundi, El Salvador, Geórgia, Jordânia, Libéria, República de Moldova, Suazilândia, Uganda, Zimbábue
2	33 Albânia, Azerbaijão, Bangladesh, Burkina Faso, Camboja, Cazaquistão, Gâmbia, Guiana, Guiné-Bissau, Honduras, Lesoto, Malawi, Mauritânia, Mongólia, Namíbia, Nepal, Nicarágua, Níger, Peru, Quirguistão, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, República Democrática Popular Lau, República Dominicana, República Unida da Tanzânia, Ruanda, Sérvia, Sudão, Suriname, Tajiquistão, Tunísia, Turquia, Zâmbia
1	20 Armênia, Belize, Bósnia e Herzegovina, Camarão, Congo (República do), Costa do Marfim, Egito, Etiópia, Guiné, Haiti, Indonésia, Jamaica, Montenegro, Nigéria, Paquistão, Senegal, Serra Leoa, Somália, Síria, Togo
0	4 Iraque, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Tailândia

Fonte: Autores.

Observação: As metas são para atraso no crescimento, emaciação e sobrepeso entre crianças com menos de 5 anos; anemia em mulheres entre 15 e 49 anos; e taxas de exclusividade da amamentação entre recém-nascidos com menos de 6 meses de idade. Os dados para anemia são os mesmos apresentados no *Relatório da Nutrição Global 2014*.

de saúde, sanitárias e à água; e melhor desempenho de práticas e programas de nutrição específicos.

SOBREPESO, OBESIDADE E DIABETES ADULTOS

O segundo conjunto de metas globais para a nutrição visam parar o aumento do sobrepeso, obesidade e diabetes adultos. Mas os mo-

delos de estimativa mais recentes da organização Mundial de Saúde (OMS) pintam um quadro sombrio. Nenhum país está rumo a atender todas as três metas (sobrepeso, obesidade e diabetes); nenhum país está rumo a atender mesmo duas destas metas. Apenas cinco países estão no caminho de atenderem uma meta (Djibuti, Islândia, Malta, Nauru e Venezuela estão todos no rumo para a diabetes). E 185 países estão fora do rumo em todas as três.

O progresso global geral quanto aos oito indicadores de nutrição da WHA é heterogêneo (Figura 3). Os dados sobre sobrepeso, obesidade e diabetes nos lembram do tamanho do desafio a encarar, mas os dados a respeito do crescimento de menores de 5 anos, especialmente quanto a atraso no crescimento, nos lembra do que pode ser alcançado com o foco certo, as intervenções e políticas certas, e o comprometimento duradouro — todos apoiados por fortes mecanismos de responsabilização dos agentes envolvidos.

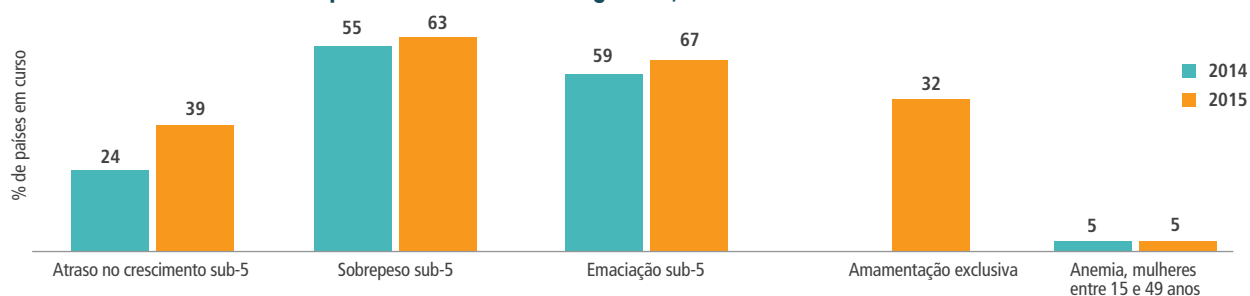
CHAMADO À AÇÃO

Os gabinetes presidenciais e dos primeiros ministros dos países fora da rota do cumprimento das Metas Globais da Assembleia Mundial de Saúde para melhorar a nutrição materna, da primeira infância e infantil devem convocar consultas inclusivas a fim de discutir os desafios de se cumprir estas metas, quais ajustes podem fazer e qual tipo de apoio precisam. Os resultados devem ser relatados na Reunião da Nutrição para o Crescimento (N4G) de 2016, sediada pelo Governo do Brasil no Rio de Janeiro, bem como em qualquer oportunidade de relato equivalente, global ou regional. Todos os países devem estabelecer metas nacionais de nutrição, baseadas em metas globais reconhecidas. Os países devem seguir estes compromissos de metas com maior monitoramento.

Panos/A. Trayler-Smith



FIGURA 2 Países em curso para atender as metas globais, dados de 2014 e 2015



Fonte: Autores.

Observação: Os dados para anemia são os mesmos apresentados no *Relatório da Nutrição Global 2014*. Os números totais de países com dados disponíveis para a realização desta avaliação são (1) Atraso no crescimento sub-5 (n=109 em 2014; 114 em 2015); (2) Sobrepeso sub-5 (n=99 em 2014; 109 em 2015); (3) Emaciação sub-5 (n=123 em 2014; 130 em 2015); (4) Amamentação exclusiva (n=78); (5) Anemia (n=185).

AÇÕES PARA ACELERAR OS AVANÇOS

Como as forças causadoras da desnutrição são poderosas e multi-setoriais, elas devem ser combatidas por forças que sejam pelo menos tão poderosas e abrangentes. A GNR identifica sete áreas de ação, englobando um amplo conjunto de agentes envolvidos, a fim de acelerar a redução da desnutrição.

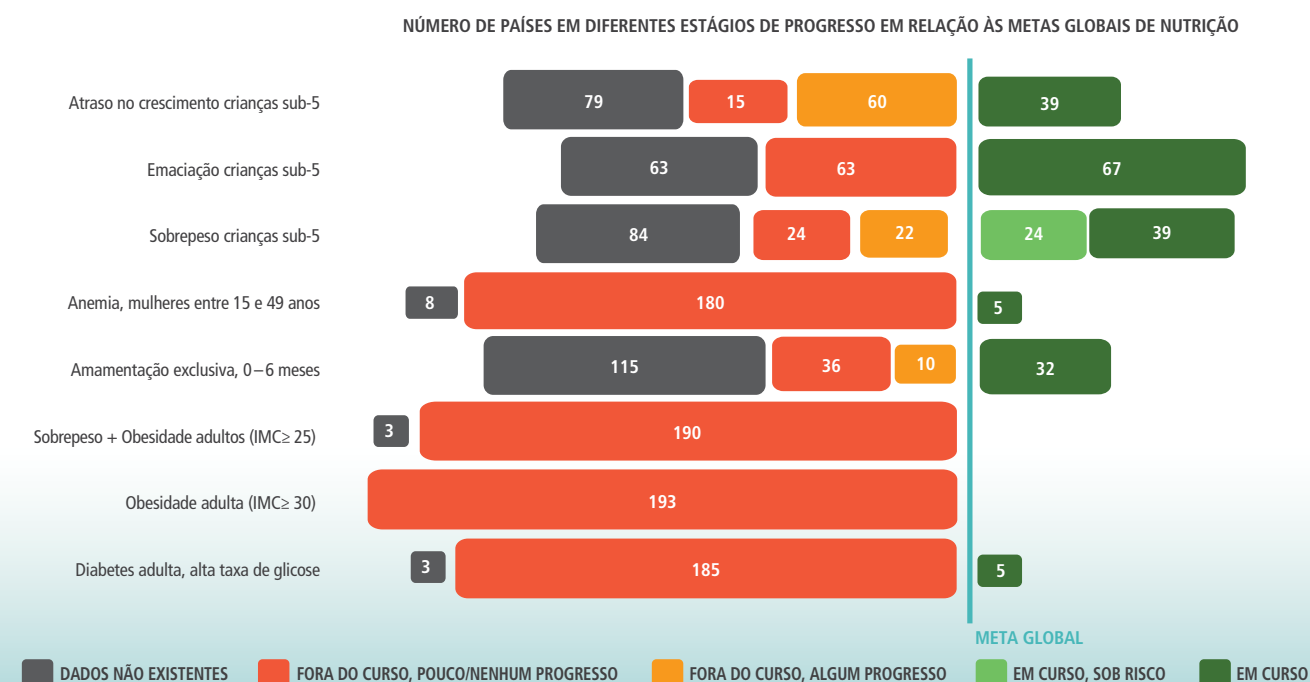
Primeiramente, é preciso criar o ambiente político para a redução da desnutrição. Em segundo lugar, as intervenções de nutrição de alto impacto precisam alcançar mais pessoas. Terceiro, os setores que apoiam a melhoria da nutrição devem se tornar motores ativos deste trabalho. Quarto, devem-se implementar políticas para a criação de ambientes de alimentação saudável. Quinto, são necessários mais recursos para ampliar as ações de nutrição. Sexto, é preciso engajar novos parceiros na luta contra a desnutrição. Por último, a responsabilização deve ser fortalecida a

fim de assegurar tanto os investidores quanto a sociedade que os esforços terão um impacto positivo sobre o nível de nutrição.

CONSTRUIR UM AMBIENTE POLÍTICO FAVORÁVEL À REDUÇÃO DA DESNUTRIÇÃO

Os países que reduziram a desnutrição de maneira rápida o fizeram num ambiente político fortemente favorável, geralmente com regulamentações estabelecidas por líderes governamentais. Por exemplo, em Maharashtra (um grande estado na Índia), uma Missão da Nutrição de alcance estadual contribuiu de forma importante para a redução drástica do atraso no crescimento no estado entre 2006 e 2012. No Peru, uma forte coalizão de grupos da sociedade civil levou os candidatos presidenciais a se comprometerem publicamente com a redução da desnutrição. No Brasil, as reduções no atraso no crescimento estão associadas à forte liderança e políticas do governo Lula.

FIGURA 3 Painel global para 8 metas globais de nutrição



Fonte: Autores.

TABELA 2 Benefícios do aumento do foco na nutrição entre diferentes setores

Setor	Exemplo de como tornar o setor mais focado na nutrição	Exemplos de benefícios setoriais	Exemplo de benefícios para resultados nutricionais
Agricultura	Investir em Pesquisa & Desenvolvimento para alimentos nutritivos, como legumes secos, frutas e vegetais.	Apoio à transição para um sistema agrícola mais diversificado e com culturas de maior valor.	Mais de 2 bilhões de pessoas apresentam deficiência de micronutrientes; o consumo inadequado de frutas e vegetais está associado com doenças não-transmissíveis.
Educação	Introduzir incentivos para manter as meninas na escola, a fim de postergar a idade ao casamento e primeira gravidez. Tornar obrigatória a educação nutricional e as habilidades alimentares no currículo escolar e fornecer merendas saudáveis nas escolas.	O aumento da assiduidade é necessário para melhorar o nível educacional. A melhor nutrição aumenta a atenção e a aprendizagem nas escolas.	Uma idade mais alta na primeira gestação está correlacionada com resultados de nascimento mais positivos. A educação e as habilidades nutricionais favorecem dietas saudáveis.
Redes de apoio	Combinar a transferência de recursos com uma comunicação que mude comportamentos em relação à alimentação de recém-nascidos e crianças e à alimentação saudável.	Ajuda a romper o ciclo inter-geracional de pobreza, bem como reduz a pobreza atual.	A nutrição melhorada exige mudança de comportamento e transferências de renda.
Água, saneamento e higiene	Focar a redução da ingestão de terra e fezes por parte de recém-nascidos e crianças.	Bloqueia rotas de contaminação por patógenos anteriormente invisíveis, o que é bom para toda a comunidade.	O menor peso de doenças contagiosas permite às pessoas usarem os nutrientes para o crescimento.

Fonte: Autores.

Mas somente o comprometimento não é suficiente. Para um ambiente realmente favorável, o comprometimento deve estar associado à forte demanda, pressão por ações, investimentos na capacidade de implementação e engajamento de diferentes setores para se desenvolver novas iniciativas. Juntos, estes quatro elementos criam um forte ambiente favorável para a melhoria da nutrição. As medições de tais ambientes, embora ainda em estágios iniciais, estão avançando rapidamente com um conjunto de indicadores que incluem o Sistema de Informações do Ambiente Nutritivo (Nutrition Landscape Information System, NLIS), o Índice da Fome e do Comprometimento com a Nutrição (Hunger and Nutrition Commitment Index, HANCI), o Índice de Políticas de Ambiente de Alimentos Saudáveis (Healthy Food Environment Policy Index, Food Epi), o Banco de Dados Global da Implementação de Ações de Nutrição (Global Database on the Implementation of Nutrition Action, GINA) e os indicadores de transformação institucional do movimento Aumentando a Nutrição (Scaling Up Nutrition, SUN).

Em nível global, a estrutura do SDG deve ser um componente chave de uma estrutura facilitadora da nutrição. Apesar das evidências de que a melhoria da nutrição representa um motor do crescimento sustentável, a nutrição continua subrepresentada nas SDGs. Primeiro, em 2014, relatamos que das 169 metas de SDG, a nutrição somente é mencionada em uma; esta situação não se alterou. Segundo, no momento da publicação deste relatório, o sobrepeso e a obesidade não são mencionados em nenhum momento em todo o documento de SDG. Por último, nenhuma das três metas de implementação do SDG 2 (“Erradicar a fome, alcançar a segurança alimentar e a melhoria na nutrição e promover a agricultura sustentável”) menciona ações de nutrição.

CHAMADO À AÇÃO

Líderes de instituições financeiras internacionais e as Nações Unidas, membros do Grupo Aumentando a Nutrição e outros campeões nacionais da nutrição devem lutar com veemência para que os Indicadores SDG de Nutrição — propostos pelo Comitê Permanente da ONU para a Nutrição e apoiados por um amplo grupo de organizações da sociedade civil — sejam incluídos no conjunto de indicadores definido pela Comissão de Estatísticas da ONU até o fim de 2015.

GARANTIR QUE AS INTERVENÇÕES DE NUTRIÇÃO ALCANÇEM AS PESSOAS QUE PRECISAM

Sabemos quais intervenções comprovadamente reduzem a subnutrição; o que não sabemos é se elas alcançam as pessoas que têm necessidade. Os dados acerca da abrangência de intervenções de subnutrição específicas—ou seja, a parcela de pessoas qualificadas que se beneficiam da intervenção— são limitados. Das 12 intervenções comprovadas, 3 têm dados de abrangência internacionalmente comparáveis, e 6 não apresentam nenhum dado internacionalmente comparável. Das 6 intervenções que possuem dados de abrangência, apenas 13 países coletam dados em todas elas. Os dados existentes acerca destas 6 intervenções demonstram que a abrangência varia amplamente entre intervenções, bem como entre os países e dentro de cada um.

RECRUTAR MAIS SETORES NA TAREFA DE MELHORAR A NUTRIÇÃO

Muitos setores (agricultura; educação; saúde; água, saneamento e higiene; proteção social) são importantes motores indiretos da

nutrição, porque afetam as causas subjacentes da desnutrição. A Estrutura para Ação que surgiu da Conferência Internacional sobre Nutrição de 2014 (ICN2) apontou este importante papel. Estes setores podem gerar impactos positivos consideráveis se elaborarem políticas e programas com atenção em seus efeitos sobre os motivadores da nutrição. A abrangência nacional e os altos níveis de financiamento destes setores aumentam seu impacto potencial. Para atingir esse potencial, a comunidade da nutrição precisa continuar a definir de maneira clara, não só o papel que estes setores podem desempenhar na melhoria da nutrição, mas também os benefícios que serão colhidos. A Tabela 2 mostra exemplos de potenciais benefícios mútuos agregados com a maior sensibilidade às necessidades de nutrição.

CRIAR AMBIENTES DE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

As políticas podem promover a alimentação saudável ao tornar alternativas de alimentos saudáveis mais disponíveis, baratas e atraentes. Tais políticas incluem rótulos de valores nutricionais, restrições na comercialização de alimentos, impostos e subsídios sobre alimentos para incentivar alternativas saudáveis, padrões de merenda escolar, limites no percentual de certos ingredientes em alimentos processados, maior disponibilidade de alimentos saudáveis nos varejistas e maiores vínculos entre os programas de alimentação escolar e os fazendeiros locais. Embora as evidências sobre os benefícios de ambientes com alimentos saudáveis sejam menos abrangentes que as de programas direcionados à subnutrição, está claro que o ambiente alimentar tem o potencial de melhorar os padrões de alimentação. Ainda assim, a maioria dos países não implementou o conjunto abrangente de políticas necessário, e nenhum país de baixa renda tentou essas medidas. Em uma amostra de 67 países que implementaram estas intervenções, 63% são países de alta renda; 27% de países de renda média alta; e 10% são países de renda média baixa.

CHAMADO À AÇÃO

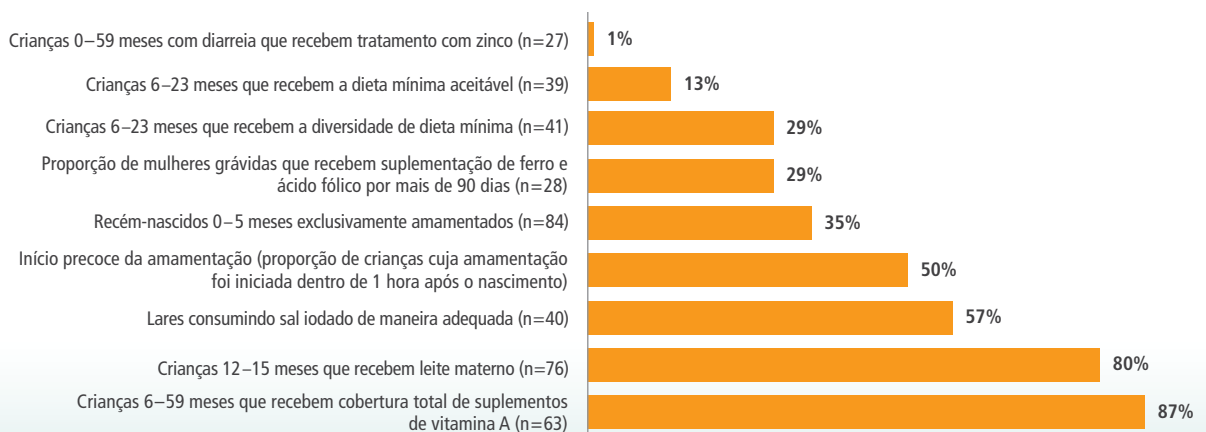
Os governos, agências internacionais, organizações da sociedade civil e empresas devem implementar a Estrutura de Ação da ICN2, que aborda a desnutrição em todas as suas formas. A fim de incentivar ações, a FAO e a OMS devem, até o final de 2016, desenvolver indicadores objetivos e verificáveis para determinar o desempenho da implementação da Estrutura de Ação. A sociedade civil deve aumentar a conscientização e mobilizar apoio para a implementação da estrutura, e destacar as áreas em que o progresso está atrasado. A fim de incentivar o foco na desnutrição em todas as suas formas, os pesquisadores devem identificar ações que podem ter um efeito duplo e abordar tanto a subnutrição quanto a obesidade/doenças não-transmissíveis relacionadas à nutrição em sinergia.

AUMENTAR OS RECURSOS PARA A NUTRIÇÃO E MAXIMIZAR SEU IMPACTO

A aceleração das melhorias de nutrição exigirá dos governos e doadores de ajuda o aumento de seus gastos com nutrição e a obtenção de maior impacto por dólar, rupia ou birre.

Os governos atualmente gastam apenas uma pequena fração de seus orçamentos com a nutrição — pelo que sabemos, pois os dados são escassos. Estimativas preliminares das parcelas dos orçamentos nacionais para a nutrição foram recentemente disponibilizadas por 30 países. Catorze destes países têm estimativas para investimentos sensíveis à nutrição (ou seja, investimentos cujo principal objetivo não é a melhoria da nutrição, mas que podem aumentar a segurança alimentar e nutricional da população). Nestes países, as alocações sensíveis à nutrição apresentam média de 1,32%. A maioria dos países gasta ainda menos em intervenções específicas de nutrição (Figura 4), cujo principal objetivo é melhorar a nutrição. Para 12 dos 14 países, as alocações para itens

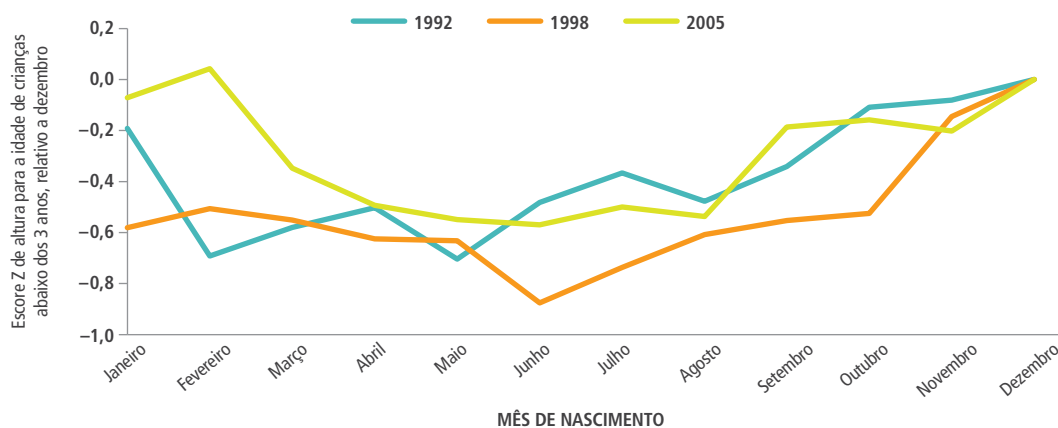
FIGURA 4 As pessoas estão recebendo intervenções específicas de nutrição?



% DE PESSOAS EM CADA PAÍS QUE PRECISA E RECEBE INTERVENÇÃO (ABRANGÊNCIA). MEDIANA PARA PAÍSES COM DADOS

Fonte: Autores.

FIGURA 5 Como o atraso no crescimento varia por mês de nascimento entre as crianças da Índia abaixo dos 3 anos



Fonte: Adaptado dos resultados em Lohksin and Radyakin (2012).

Observação: Os dados vêm de três rodadas da Pesquisa Nacional de Saúde Familiar (National Family Health Survey) e são para lares com duas ou mais crianças com idade abaixo dos 3 anos. Inverno = Dezembro–Março; verão = Abril–Junho; monção = Julho–Setembro; outono = Outubro–Novembro.

específicos de nutrição é menor ou igual a 0,2% dos orçamentos governamentais.

Os doadores também podem fazer mais. Os gastos de doadores com intervenções específicas de nutrição quase que dobraram entre 2012 e 2013—de US\$ 0,56 bilhão para US\$ 0,94 bilhão. Todavia, dos 29 membros do Comitê de Assistência ao Desenvolvimento (Development Assistance Committee, DAC) da Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento (Organisation for Economic Co-operation and Development, OECD), apenas 16 relataram gastos específicos de nutrição maiores que US\$ 1 milhão em 2013. Seis relataram gastos menores que US\$ 1 milhão, e 7 relataram nenhum gasto específico com nutrição.

Os doadores gastam mais em intervenções sensíveis à nutrição que em intervenções específicas de nutrição. Para 2013, os gastos com intervenções sensíveis à nutrição totalizaram quase US\$ 3 bilhões. Todavia, os dados da União Europeia e do Banco Mundial para 2013 estão ausentes. A inclusão desses números provavelmente levaria os gastos totais sensíveis à nutrição mais próximos a US\$ 4 bilhões, ou 3% da assistência oficial de desenvolvimento (ODA), e trariam os gastos sensíveis e específicos com nutrição para cerca de US\$ 5 bilhões, ou 4% do ODA.

Quanto a mais os governos e doadores deveriam gastar? Uma análise do Instituto Resultados para o Desenvolvimento (Results for Development Institute, R4D) e do Banco Mundial sugere que atingir a meta de atraso no crescimento da WHA em 37 países de alta incidência exigiria mais que dobrar os gastos domésticos dos governos em intervenções de atraso no crescimento comprovados até 2025, e mais que quadruplicar a ODA para tais intervenções no mesmo período.

A capacidade, incluindo a liderança em todos os níveis, é vital para se aumentar a ação e o impacto da nutrição, mas pouco se sabe sobre quando a falta de capacidade é um gargalo e quais investimentos são mais eficientes para remediá-lo.

CHAMADO À AÇÃO

Governos e doadores gastam muito pouco para se atinjam as metas de nutrição global até 2025. Dessa forma, os governos devem, no mínimo, dobrar a parcela de seus orçamentos destinada à melhoria da nutrição. Os gastos dos doadores com nutrição também devem, pelo menos, dobrar. Para justificar os pedidos por mais recursos, os governos e doadores devem continuar a investir em maneiras de alcançar melhores resultados de nutrição com os recursos existentes, demonstrando melhorias na qualidade e na eficácia de suas intervenções. Os governos devem continuar a documentar seus gastos com nutrição e trabalhar com pesquisadores para determinar os custos das estratégias de nutrição. Os doadores devem relatar suas despesas, e as organizações da sociedade civil devem continuar exigindo orçamentos transparentes. Os governos e doadores devem aumentar seus trabalhos com pesquisadores para estimar alocações orçamentárias apropriadas para a obesidade e doenças não-transmissíveis relacionadas à nutrição.

ENGAJAR NOVOS AGENTES NA LUTA CONTRA A DESNUTRIÇÃO

A fim de acelerar as melhorias na nutrição, precisamos aumentar a gama de setores que reconhecem sua participação na redução da desnutrição para que atuem quanto a esse envolvimento. Dois setores escondidos às claras e que não receberam tanta atenção quanto deveriam são a mudança climática e os sistemas alimentares.

Mudança climática

Levando em conta que as doenças, os alimentos e o clima estão intimamente ligados, qualquer acordo obtido na Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática (COP21) em novembro

de 2015 pode apresentar oportunidades para os envolvidos em nutrição e mudança climática trabalharem juntos a fim de fazer avançar os pontos em comum de suas agendas. As evidências sugerem que existem múltiplos caminhos pelos quais as mudanças climáticas influenciam a desnutrição. Estes caminhos — físico, biológico, social e econômico — estão esboçados neste relatório. Para os grupos mais pobres da sociedade, flutuações sazonais no acesso a alimentos e motivadores de doenças contagiosas continuam sendo uma realidade. Estes ciclos têm um efeito profundo sobre o nível de nutrição, estação a estação (Figura 5). Esta vulnerabilidade da nutrição a ciclos regulares de clima oferece um indicador cruel da vulnerabilidade de certas populações aos extremos climáticos previstos para ocorrerem em função das mudanças climáticas.

Diferentes dietas levam a diferentes sistemas de produção, e têm diferentes emissões de gases de efeito estufa e impacto sobre recursos. Em média, dietas ricas em carnes tendem a ter maiores impactos. As escolhas alimentares boas para a saúde também podem ser boas para o planeta, e mais poderia ser feito para incentivar sistemas produtivos que ao mesmo tempo melhorariam a nutrição humana e reduziriam as emissões de gases de efeito estufa. Os países estão começando a incluir considerações sobre mudanças climáticas em seus planos nacionais de desnutrição. Mas existem grandes lacunas nos dados, nos conhecimentos, nas políticas e práticas que precisam ser rapidamente preenchidas a fim de se desenvolverem oportunidades de melhoria da nutrição benéficas a todos, e ao mesmo tempo minimizar e se adaptar às mudanças climáticas.

CHAMADO À AÇÃO

Até a época da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP21) em novembro de 2015, as comunidades das mudanças climáticas e da nutrição devem formar alianças para atingirem seus objetivos em comum. O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (Intergovernmental Panel on Climate Change, IPCC) deve formar um grupo que inclua especialistas em nutrição, saúde e clima para avaliar a literatura sobre o clima e a nutrição e definir novas pesquisas e agenda de políticas. Os governos devem incluir as mudanças climáticas

de maneira explícita em suas estratégias nacionais de nutrição e saúde. E a sociedade civil deve usar as redes existentes para construir alianças entre mudanças climáticas e nutrição, a fim de defenderem a nutrição na COP21 e demais eventos e processos de mudanças climáticas de grande importância.

Sistemas alimentares

Em 2014, a Segunda Conferência Internacional sobre Nutrição destacou o papel crítico dos sistemas alimentares na desnutrição em todas as suas formas. As crescentes evidências sobre o aumento da obesidade e doenças não-transmissíveis relacionadas à nutrição, mesmo entre populações sofrendo de subnutrição, deixam mais e mais claro que os sistemas alimentares são os motivadores dos resultados nutritivos. Mas como tornar os sistemas alimentares mais amigáveis à nutrição? O primeiro passo é avaliar a importância dada à nutrição em cada sistema alimentar a fim de analisar como eles podem ser modificados. O estabelecimento de indicadores de resultados para sistemas alimentares pode orientar os estrategistas políticos a incentivarem sistemas alimentares sustentáveis e amigáveis à nutrição, enquanto também ajudariam a população a responsabilizar os governos por suas escolhas políticas.

Assim como os setores já discutidos que começaram a incorporar a sensibilidade à nutrição, as comunidades políticas das mudanças climáticas e dos sistemas alimentares precisam estar informadas sobre os benefícios mútuos de incorporarem considerações sobre a nutrição na elaboração de suas políticas (Tabela 3).

CHAMADO À AÇÃO

Trabalhando a partir do foco em sistemas alimentares da Segunda Conferência Internacional sobre Nutrição de 2014, iniciativas globais de sistemas alimentares devem, até o final de 2016, propor indicadores do impacto dos sistemas alimentares sobre os resultados da nutrição e da saúde.

Panos/M. Ostergaard



TABELA 3 Benefícios do aumento do foco na nutrição entre diferentes setores de mudanças climáticas e sistemas alimentares

Setor	Exemplo de como tornar o setor mais focado na nutrição	Exemplos de benefícios setoriais	Exemplo de benefícios para resultados nutricionais
Sistemas alimentares	Criar um ambiente alimentar saudável para apoiar escolhas saudáveis.	Os sistemas alimentares precisam de consumidores saudáveis para a sustentabilidade. A demanda por produtos saudáveis aumenta à medida que a renda cresce.	Os desequilíbrios na dieta são um grande fator de risco para a desnutrição em todas as suas formas.
Política climática	Focar as atividades de adaptação climática na obtenção das necessidades nutricionais dos recém-nascidos nos primeiros 1.000 dias após a concepção.	As comunidades se tornam mais resilientes ao clima.	Se não forem abordadas, as perturbações climáticas sazonais sobre o crescimento de recém-nascidos nos primeiros 1.000 dias são difíceis de serem revertidas.

Fonte: Autores.

FORTALECER A RESPONSABILIZAÇÃO PELA NUTRIÇÃO

São precisos mecanismos mais fortes de maneira urgente a fim de garantir que os compromissos com a nutrição resultem em ações e estimulem novos campeões e investidores a realizarem maiores esforços pela nutrição. As partes envolvidas na nutrição precisam fortalecer o elo entre compromissos e resultados mensuráveis. Muito poucos compromissos de nutrição são específicos, mensuráveis, atribuíveis, realistas e com tempo definido (SMART). Os bancos de dados e a capacidade de monitorar o progresso destes compromissos precisam ser melhorados. Os mecanismos de responsabilização para os que falham em cumprir seus compromissos são fracos. Esta seção analisa (1) os compromissos com a Nutrição para o Crescimento (que estabeleceram o Relatório da Nutrição Global) relacionados à obtenção do nível de nutrição, ações de programas e políticas e distribuição financeira, (2) oportunidades potenciais para o aumento da responsabilização do setor privado, e (3) lacunas nos dados necessários para identificar, monitorar e avaliar os compromissos.

Nutrição para o Crescimento

A nutrição viveu um momento importante em 2013. Na Conferência da Nutrição para o Crescimento (N4G) em Londres naquele ano, governos, agências da ONU, organizações da sociedade civil, empresas, doadores e outras organizações se reuniram para debater como melhorar a nutrição no mundo. Noventa desses participantes assinaram o Pacto da Nutrição Global para o Crescimento (Global Nutrition for Growth Compact), em que assumiram publicamente o compromisso de realizarem ações concretas contra a desnutrição. Este impulso se expandiu: mais 20 participantes assumiram compromissos após a preparação e publicação do resumo. Em 2014, e novamente no início de 2015, dois anos após a conferência, convidamos esses participantes a relatarem seu progresso na realização dos seus compromissos da N4G. Apenas 92% dos signatários responderam em 2014, e ainda menos, 82%, em 2015. O progresso relatado de realização dos compromissos foi semelhante em 2014 e 2015. Quarenta e quatro por cento dos compromissos da N4G foram avaliados como “em progresso” em 2015, comparados a 42% em 2014. Dez por cento estão “fora do curso” em 2015, comparados com 9% em 2014. Não pudemos avaliar 46% dos compromissos devido a compromissos vagos, respostas vagas, ou ambos. Na verdade, quando avaliamos os compromissos da N4G de 2013, apenas 30% foram avaliados como SMART.

CHAMADO À AÇÃO

Os signatários do Resumo da Nutrição Global para o Crescimento (N4G) (Nutrition for Growth (N4G) Compact), adotado em 2013, devem implementar seus compromissos e relatar seu progresso de maneira completa ao Relatório da Nutrição Global (Global Nutrition Report) para publicação em 2016. Na Conferência N4G Rio 2016, mais governos, agências internacionais, investidores externos, organizações da sociedade civil e empresas devem assumir compromissos da N4G ambiciosos, que devem ser específicos, mensuráveis, atribuíveis, realistas e definidos no tempo (SMART). Os compromissos dos novos e atuais signatários devem visar alcançar as metas globais de nutrição da WHA até 2025 e, alinhados com os SDG, visar acabar com a desnutrição até 2030.

Empresas

As empresas têm impacto profundo sobre a nutrição de diversas maneiras: Elas disponibilizam uma ampla variedade de alimentos e outros produtos que são importantes para a boa nutrição. Elas moldam o ambiente no qual as pessoas tomam decisões sobre quais produtos comprar. Elas afetam os serviços que as pessoas recebem, as condições do ambiente de trabalho em que vivem, e os impactos ambientais que enfrentam. E elas geram as receitas de impostos necessárias à realização de serviços públicos. Assim como outros agentes, as empresas tomam decisões que podem levar tanto a resultados positivos quanto negativos para a nutrição. A maior responsabilização deve ajudar a aumentar o primeiro, e minimizar o segundo.

Existem muitas oportunidades para as empresas promoverem uma melhor nutrição fora dos caminhos comuns. Por exemplo, as redes de telefones celulares podem ser usadas para enviar mensagens sobre nutrição gratuitas, validadas pelos governos.

O Índice de Acesso à Nutrição (Access to Nutrition Index, ATNI), que avalia os fabricantes de alimentos e bebidas quanto a seu desempenho nutritivo, identificou áreas onde é necessária maior responsabilização. Por exemplo, para 24 dos 178 indicadores do ATNI, todas as empresas apresentaram pontuação zero. Consideradas em grupo, as empresas tiveram o pior desempenho nas áreas de “afirmações de saúde e nutrição (rótulos)” e “lobby e influência sobre governos e estrategistas (engajamento)”.

Existem muitos mecanismos além do ATNI para maior responsabilização das empresas. Eles variam de legislativos (como implementação completa do Código Internacional para a Comercialização de Substitutos do Leite Materno) a voluntários (como os rótulos “semáforo” para alimentos, que oferecem informações nutricionais rapidamente) e informais (como a rede de monitoramento global INFORMAS). Todavia, considerando as capacidades relativas de alguns governos e grandes corporações, a implementação e aplicação destes mecanismos provavelmente será fraca.

Levar a atividade das empresas para resultados nutricionais mais positivos exigirá uma variedade de elementos, incluindo

1. Liderança para trazer todas as partes à mesa, a fim de gerar um entendimento compartilhado das oportunidades, papéis e responsabilidades (através da criação de uma comissão com tempo definido);
2. Mais ações transparentes por parte das empresas e dos que trabalham com elas (como um registro de parcerias público-privadas ou a adoção de uma Iniciativa de Transparência Nutricional das Empresas);
3. Evidências mais robustas quanto à influência dos diferentes tipos de negócios sobre os resultados da nutrição (por exemplo, a partir de novos programas dedicados de pesquisa);
4. Métricas e critérios para orientar as decisões sobre a colaboração adequada de governos e agências internacionais junto às empresas (o ATNI é um exemplo do que pode ser alcançado para iluminar a conduta e a transparência das empresas);
5. Estruturas governamentais mais fortes para regular as empresas; e
6. Mecanismos de responsabilização e fiscalização mais fortes (como o estabelecimento de um fundo para apoiar esforços governamentais para implementar legislações).

CHAMADO À AÇÃO Quando a Estrutura da OMS para a Colaboração com Agentes Não-Estatais for finalizada, as quatro grandes agências da ONU mais relacionadas à nutrição — Organização para Alimentação e Agricultura (FAO), UNICEF, Programa Alimentar Mundial (WFP) e OMS —

juntamente com outras entidades internacionais relevantes, devem estabelecer uma comissão abrangente e de tempo definido para esclarecer os papéis e responsabilidades das empresas quanto à nutrição.

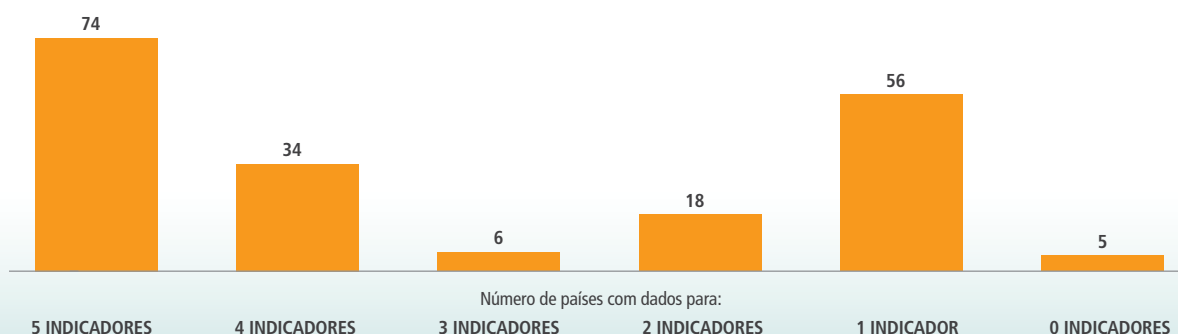
Lacunas de dados

Os dados são a moeda da responsabilização. Embora algumas lacunas de dados tenham sido preenchidas desde 2014 (hoje temos mais dados sobre as alocações orçamentárias dos governos para a nutrição), muitas lacunas de dados continuam vazias. Por exemplo, apenas 74 dos 193 países têm dados suficientes para avaliar seu progresso quanto às cinco metas globais para nutrição materna e infantil (Figura 6).

Também faltam dados em outras áreas importantes. Precisamos de mais dados sobre as taxas de abrangência das intervenções de nutrição, sobre a sensibilidade à nutrição das ações de nutrição em outros setores, e sobre a condução do ambiente político. Os países de alta renda precisam fornecer mais dados nutricionais aos bancos de dados da ONU. Uma prioridade em particular deve ser a coleta de mais dados sobre a dieta de crianças entre 6 e 23 meses de idade, considerando as consequências severas que perduram por toda a vida da alimentação deficiente durante este estágio do desenvolvimento. E os pesquisadores precisam prestar mais atenção à sazonalidade da coleta de dados para a antecipação e abordagem dos efeitos nutricionais de uma mudança climática — o nível de nutrição de uma criança não deve ser determinado por seu mês de nascimento.

CHAMADO À AÇÃO Os países, doadores e agências devem trabalhar com a comunidade nutricional técnica para identificar e priorizar as lacunas de dados que impedem ações, bem como investir na capacidade necessária para preencher estas lacunas. Todos os países, incluindo os de alta renda, devem buscar as agências da ONU a fim de facilitar a conversão de seus dados para os bancos de dados compilados pelas agências da ONU.

FIGURA 6 Número de países com dados para avaliar o progresso de cinco metas da WHA, 2015



Fonte: Autores.

Observação: Os cinco indicadores são: atraso no crescimento, emaciação e sobrepeso entre crianças com menos de 5 anos, amamentação exclusiva, e anemia entre mulheres em idade fértil. O número total de países é 193.

○ mundo enfrenta muitos problemas aparentemente incuráveis. A desnutrição não deve ser um deles. Erradicá-la é uma escolha — uma escolha onde é preciso apoiar, e às vezes pressionar, os líderes mundiais a fazerem.

CONQUISTAS SIGNIFICATIVAS SÃO POSSÍVEIS ATÉ 2030

Muitas vezes, os pais devem fazer escolhas terríveis — qual criança levar a uma clínica médica, qual irá comer os melhores alimentos ou qual beberá a água mais limpa. Os estrategistas não precisam fazer tais escolhas; eles podem reduzir a desnutrição em todas as suas formas. O recente progresso visto na redução do atraso no crescimento provavelmente reflete em intervenções combinadas — especificamente, o foco nos primeiros 1.000 dias. Este tipo de foco deve agora ser aplicado à melhoria da alimentação de meninas adolescentes e mulheres e à redução do sobrepeso e obesidade em adultos. É possível alcançar progresso na redução da desnutrição em todas as suas formas: os países determinados a realizar rápidos avanços na redução da desnutrição podem fazê-lo. O Relatório da Nutrição Global proporciona indicadores para várias oportunidades de políticas, programas e investimentos disponíveis para se realizarem esses avanços, assim

como inúmeros exemplos de países que surpreenderam o mundo com seus rápidos progressos.

Este 2016, três anos depois da revolucionária Conferência N4G em Londres, o Brasil sediará a Conferência N4G Rio. Conseguiu-se uma quantidade tremenda de avanços desde 2013, e devemos ter orgulho disto. Mas não é o suficiente. Durante os preparativos para a conferência de 2016, os governos, empresas, grupos da sociedade civil, fundações, agências multilaterais e os cidadãos preocupados precisam assumir novos compromissos que possam ser anunciados em agosto no Rio de Janeiro.

Estes compromissos devem ser SMART (específicos, mensuráveis, atribuíveis, realistas e com tempo definido) e ambiciosos de forma muito impressionante; as pessoas que vivem a desnutrição não precisam de compromissos confusos ou tímidos. Quase um entre cada três de nós que compartilhamos este planeta hoje vivemos a desnutrição. As promessas não podem envolver nada menos que a erradicação da desnutrição. É uma escolha.

Lawrence Haddad (co-presidente), International Food Policy Research Institute, Washington, DC; **Corinna Hawkes** (co-presidente) Independent, UK; **Emorn Udomkesmalee** (co-presidente), Mahidol University, Bangkok, Thailand; **Endang Achadi**, University of Indonesia, Jakarta; **Arti Ahuja**, Women and Child Development, Odisha, India; **Mohamed Ag Bendeck**, Food and Agriculture Organization of the United Nations, Rome; **Komal Bhatia**, Institute of Development Studies, Brighton, UK; **Zulfiqar Bhutta**, Centro para a Saúde Infantil Mundial, Toronto, e o Centro para a Excelência na Saúde Feminina e Infantil, Universidade Aga Khan, Karachi, Paquistão; **Monika Blossner**, World Health Organization, Geneva; **Elaine Borghi**, World Health Organization, Geneva; **Kamilla Eriksen**, University of Cambridge, UK; **Jessica Fanzo**, Johns Hopkins University, Baltimore; **Patrizia Fracassi**, Scaling Up Nutrition Secretariat, Switzerland; **Laurence M. Grummer-Strawn**, World Health Organization, Geneva; **Elizabeth Kimani**, African Population and Health Research Centre, Nairobi, Kenya; **Julia Krusevec**, UNICEF, New York, NY; **Natasha Ledlie**, International Food Policy Research Institute, Washington, DC; **Yves Martin-Prével**, Institut de recherche pour le développement, Marseille, France; **Purnima Menon**, International Food Policy Research Institute, New Delhi; **Eunice Nago Koukoubou**, University of Abomey-Calavi, Benin; **Holly Newby**, UNICEF, New York, NY; **Rachel Nugent**, University of Washington, Seattle; **Stineke Oenema**, Interchurch organization for development cooperation (ICCO) Alliance, Utrecht, Netherlands; **Leonor Pacheco Santos**, University of Brasilia, Brazil; **Judith Randel**, Development Initiatives, Bristol, UK; **Jennifer Requejo**, Partnership for Maternal, Newborn & Child Health, World Health Organization, Geneva; **Tara Shyam**, Institute of Development Studies, Brighton, UK; **Boyd Swinburn**, University of Auckland, New Zealand.

Todos os contribuintes são membros do Grupo de Especialistas Independentes para o *Relatório da Nutrição Global 2015*, exceto Komal Bhatia, Monika Blossner, Elaine Borghi, Kamilla Eriksen, Jessica Fanzo, Julia Krusevec, Natasha Ledlie e Tara Shyam, que foram parte da equipe de redação dia por dia.

Esta é uma publicação revisada por pares. Todas as opiniões aqui incluídas são as dos autores e não representam necessariamente, tampouco são necessariamente corroboradas, pelo International Food Policy Research Institute ou por qualquer organização parceira envolvida no *Relatório da Nutrição Global*. As fronteiras e nomes utilizados não implicam apoio ou aceitação formal por parte do International Food Policy Research Institute.

INSTITUTO INTERNACIONAL DE PESQUISA SOBRE POLÍTICAS ALIMENTARES

Um mundo livre da fome e da desnutrição

2033 K Street, NW, Washington, DC 20006-1002 USA | T. +1-202-862-5600 | F. +1-202-467-4439 | Email: ifpri@cgiar.org | www.ifpri.org

Copyright © 2015 International Food Policy Research Institute. Todos os direitos reservados. Contate ifpri-copyright@cgiar.org para permissão de republicação. ISBN: 978-0-89629-890-3

WWW.GLOBALNUTRITIONREPORT.ORG